

Manuel Ralha

página 1

Azul meia-noite

Textos poéticos

“O homem é a criatura que não pode sair de si,
que só conhece os outros em si, e, dizendo o
contrário, mente.”

Marcel Proust (1871-1922)
Em busca do tempo perdido
A Fugitiva [1925]

Índice

Prefácio	5
Tecnoviglia (*)	7
Nunca se erguerá!	8
Trajectória	5
Memória doce instante	10
Chopin, Estudos Opus 10 No. 3 E Maior: Lento, Ma Non Troppo (*)	11
Contemplação (*)	12
Incompleto	13
Adágio déjà-vu (*)	14
Criação	15
Outro lugar	16
Infância	17
Argonauta perdido (*)	18
Motim (*)	20
Novo tempo (*)	21
Lusus filius (*)	22
Ciberindução: a info-utopia (*)	23
Canção de espertar	24
Mistério preservado	25
Onde Wittgenstein emudece	26
Acuidade subjectiva	27
Lentamente	28
Luz Humana	29
Num ápice (*)	30
Eminentemente (*)	31
Estereótipo (*)	32
Bonifrate	33
Estranha recorrência (*)	34
Mais que um rosto (*) (quatro quadras irregulares, jactantes mas ternas).....	35
O jogo dos “onze lapsos”	36
Ctrl Alt Del (*)	37
Estrela cadente (*)	39
Acasos intrínsecos (*)	40
TecnoExaustão (*)	41
Weblog	42
Mefistofélico voyeur (*)	44
Lengalenga dos outros de nós	46
Modinha da perdição (*)	47
1bigo de 7 mega (10^6) pixéis (*) (Quadra ao gosto popular)	48
Reconhecimento volatilizado (*)	49
Breve praia	50
Anima II (*)	51
Que amor?	52
Pausa	53
Haiku (*)	54

A Jorge Luís Borges (*)	55
Real	56
O Poliedro de Descartes (*)	57
Mística forma (*)	58
Crença	59
Caprichos do tempo (*)	60
Tempus incognitum (*)	61
Dia único certo amanhã (*)	64
Axioma (*)	65
Instante	66
Para além deste sempre-agora	67
Rio antigo (*)	68
Tempo no presente (*)	69
Uma cor	70
Partida	71
Nostalgia	72
Dealbar (*)	73
Al-Buahar (Castelo do mar) (*)	74
Memória de fim de tarde	75
Mass media	76
Antropocêntrico (Oito quintetos doutrinários) (*)	77
Bater de asas (*)	78
Coragem!	79
Humana Clausura	80
Certeza nenhuma	81
Ideal (*)	82
Imponderável ente (*)	83

(*) vide Prefácio

Prefácio

Constitui este livro uma escolha de textos poéticos produzidos ao longo de cerca de seis anos, mais exactamente de 2004 a 2009. Espalhados que estavam por vários blogues onde foram lançados – sob diversos nomes inventados – e também por cadernos pessoais, os textos apresentam-se agora coligidos e agrupados. Embora todos correspondam a datas bem precisas, optou-se por uma disposição dos textos essencialmente temática, já que desse modo se privilegiam a harmonização e a facilidade da leitura, ao mesmo tempo que aparecem com certeza realçados os objectos que mais interessam ao autor. Como será facilmente compreensível, dada a natureza da escrita, nem a divisão por temas nem as respectivas transições se poderão encarar de forma rígida ou sequer objectiva.

Acontece que, depois de realizada a selecção e tendo presente que a partir da sua publicação os textos passariam a ter uma assinatura genuína e um carácter definitivo, revelou-se de todo impossível para o autor não se deixar envolver em sucessivas correcções que tais comprometimentos tornaram, na sua opinião, imprescindíveis. Assim, mesmo aceitando que os textos possam ter perdido, em relação aos originais, uma certa espontaneidade e desconstracção, terão ganho, sem qualquer sombra de dúvida, não só em correcção gramatical como ainda na precisão das adequações semânticas aos intuitos específicos em causa. Esta explicação reveste-se de elevada importância, uma vez que o leitor que porventura viesse a encontrar inadvertidamente (em particular na Internet) uma outra versão de algum dos textos constantes neste livro iria de certeza ficar bastante confuso. Feita que fica a advertência, razão maior do presente prefácio, poder-se-á também tranquilizar os leitores mais exigentes pois as transformações operadas, embora algo profundas em alguns casos, não chegarão para eliminar os indícios bem patentes e inequívocos da sua proveniência.

Quanto à diferenciação entre os textos lançados em blogues e os textos inteiramente inéditos recolhidos em cadernos pessoais, atrás referidos, ela está acessível no Índice, sendo aqueles assinalados com o sinal (*) à frente do título de cada texto. Assim, o leitor poderá distinguir claramente os textos que foram repescados na Internet dos que se apresentam pela primeira vez.

Sublinhe-se que as explicações aqui apresentadas são menos uma preocupação com as correcções realizadas que fruto do gosto pelo rigor. Pois, para além da sua indiscutível legitimidade, esse trabalho, que se tornou condição sine qua non para a publicação dos textos em suporte formal, foi paulatinamente executado durante o último ano e meio com um único fim em vista: o aperfeiçoamento, tão eficaz quanto possível das composições previamente existentes. Porém, como é evidente, do seu efeito final só o leitor poderá deveras ajuizar.

Manuel Ralha
17Maio2011

Tecnovigília

Repousa
em expectante sossego
o teclado
mudo

Longamente
se detêm os olhos
nas teclas que o pensamento
extingue

Permanecem
atentos os fotões
iluminando a noite
silenciosa

Indiferente
a casa dorme
em placidez
petrificada

Só os electrões
(todos)
estão realmente
despertos

...

De repente
a ideia emerge

Hesitantes
as teclas surdinam
e surgem as palavras

Animados
os fotões se combinam
instantaneamente

Alegram-se já de ritmos
e signos e discursos
se encadeiam

...

Vagueia o tempo
que se perde
com prazer

A casa acordou

Nunca se erguerá!

Ainda há pouco
A noite não tinha fim,
E já a manhã
Vai tudo colorindo.

Cada vez mais...
Cada vez mais...

Quando amanhecerá,
Deste dia e noite sucessivos,
Para que nasça o sentido?

Ainda há pouco
A noite tudo esclarecia,
E já a manhã vai
Tudo escurecendo.

Cada vez mais...
Cada vez mais...

Serena é a madrugada
Da noite branca
Quando se ilumina
De sumida realidade.

O dia claro
Quando nascerá?

Teima Érebo eterno:
Tal dia humano
Nunca se erguerá!

Trajectória

De todas as possibilidades infinitas
De acontecer
Só uma nos acontece.

E o que não nos acontece, também nos acontece. As possibilidades do
Caminho acontecer estão em cada passo anterior. Apenas uma se cumpre.

Assim, acontecer não é senão ser.
E não acontecer é também ser.

Moramos na memória que tudo guarda
Mas sabemos só o pouco que nos devolve.

Memória doce instante

Lembrança breve
Outra dormida lenda
Mesmo antigo mar
Azul meia-noite

O tempo demorou

Ritmado marulhar
Esmorecem cores
Anoitece devagar
Trémulas minhas mãos

O casario alumiou

Lua alvo brilho
Abóbada enigma
Brisa quase quente
Ondulantes teus cabelos

O beijo calhou

Ápice desenlace
Anseio revelado
Estrela luz genuína
Memória doce instante

O desejo originou

Pertencemos a outrora
A hoje e sempre
A uma eterna
Chama silente

Chopin, Estudos Opus 10 No. 3
E Maior: Lento, Ma Non Troppo

Ainda há pouco, na mais efémera manhã, lias no sofá ao canto.
De quando em quando levantavas meigamente os olhos para os meus e era como se disseses que lias só porque o livro te falava de mim.

Agora nem sofá que te recorde.
Apenas o canto nu que me olha como se dissesse que o tempo e a memória evocam, ignoram e às vezes também amargam.

Ainda há pouco, na mais efémera manhã, havia um livro pousado no sofá ao canto.
O teu corpo nu viajava, de cá para lá na sala, afrontando a realidade. Debruçavas-te sobre o sofá, tomavas o livro e lias em voz alta uma das minhas mais belas manhãs. De quando em quando, fugazmente, erguias do texto os teus olhos para os meus e era como se disseses que aquela manhã eras tu.

Agora nem livro que te recorde.
Nem tempo, nem memória. Nem sofá, nem canto, nem sala; já ninguém mora aqui. Apenas a mais efémera manhã que se eterniza e chora.

Contemplação

Há um minucioso labirinto
num caderno estafado
pelo tempo desmedido
à espera da conjunção
que o faça resolvido

Há uma manhã distante
que o porvir já tem a hora
achará esse velho caderno
e bastará teu olhar obstinado
para que o incrível labirinto
se mostre enfim determinado
como se esse dédalo obscuro
até então por decifrar
só por ti houvesse esperado

Há uma imensa plenitude
Não irá jamais terminar
De que enigma brotará?
Se poderás tu porfiar!

Incompleto

Saltam memórias inquietas
Para dentro da tarde
Um tanto entristecida

Pedaços já difusos
Fundem-se a outras
Tantas lembranças

O real perdeu-se
Por entre histórias
Todas elas truncadas

Faltam trechos tantos
Fatalmente ausentes
A memória os negou

Nas estilhas libertadas
Para dentro da tarde
Capitulando nostálgica

Remanesce clara
A certeza de não se ser
Senão incompleto

Adágio déjà-vu

Que importa
Que nos agitem mundos obscuros sem fim
Se o mundo todo serena aqui

Que importa
Se a palpável verdade da tua pele cetim
Segreda todo o universo em ti

Que importa
Que nos bradem loucas paixões eternas
Se toda a ternura se cala aqui

Que importa
Se teu corpo absoluto narra o tempo único
Que benevolente nos sorri

Que importa!

Criação

Brotam as ideias
Num dia límpido
Nascido assim

Incontáveis partículas
Gravitam frenéticas
Em torno da tarde

Pontos de luz
Vão descendo
Vagarosamente
Ao sol-pôr
E sorriem ao cair
Mesmo antes de pousar

As flores irrompem
Com alegria e cor

Dentro em breve
A noite colherá
Seu fruto

Outro lugar

Já o homem perdeu sua presunção
Julgando-se natureza também
Caminha airoso
Sem altivez
Sorri

Já a cidade perdeu sua ambição
Julgando-se natureza também
Acolhe afável
Sem afogo
Sorri

Já o tempo perdeu sofreguidão
Julgando-se natureza também
Avança ritmado
Sem ânsia
Sorri

Já o eu perdeu sua simulação
Julgando-se natureza também
Passeia cândido
Sem aflição
Sorri

Infância

E de repente são as imagens da infância.
Indistintas. Ao longe...
Agora tão perto. Inconfundivelmente.
Nessa ponte instável o presente não reconhece aquele
outro que fomos nós.
E é quase trágico não discernir a viagem para o agora.
Sobrevém uma sensação de perda irremediável.
Nostálgica.
Surge inevitável o pensamento: quantos nascem e
morrem em nós? Quem é este sobrevivente?
Sobra sempre desse sobressalto uma mescla de
estranheza e de ternura!

Argonauta perdido

Lembro
uma espécie de turbante
um olhar longínquo
um sonho delirante
uma lousa
um estrado
o corpo tiritante

Lembro
o esquadro
o compasso a girar
um dito sábio
um mapa-múndi
o astrolábio
o vozeirão do mar

Lembro
uma mensagem
vasto é o mundo
uma rota a tecer
um homem num cais
um ente profundo
Mostrando o ser

Lembro
a cobiça danosa
a ignara crueldade
a leviana glória
a peleja forçosa
a brutal usura
Toda a história

Lembro
o crioulo sorridente
os amores das ilhas
a saudação do Oriente
o mapa então errado
os olhos a arder febris
o globo já tomado

(cont./...

.../cont.)

Lembro
a argonáutica remota
o saber que restou
viciado e insípido
enfim encoberto
diz-se que hibernou
em dia incerto

Lembro
quando tu Luso
após uma noite mágica
de novo imaginaste
que a tua aventura
não havia de ser trágica
mas tão vera quanto bela

Lembro
ainda a insigne caravela
os heróis do mar e tua glória
porém hoje sou perplexo
aqui neste triste penar
nestas brumas da memória
por ti já não sei cantar

Motim

Terá sido isto o que sonhámos?
São estes os dias do nosso mais antigo e puro desígnio?

Para além da soleira o implacável convite à disputa sistematizada,
No caminho frenético o labor para a garantida iniquidade.

Será esta a sequência do árduo soletrar da nossa infância?
É esta astúcia permanente o carácter da nossa essência?

Na multidão o pestilento apelo a todos os enganos...
No dever sobrevivente a purulência das nossas expectativas infectadas.

Terá sido isto o que sonhámos?
São estes os dias para intentarmos firmes vontades?

Vem! Aprendamos a ancestral serenidade dos gestos abnegados,
Neguemos a fatalidade impostora, torpe e exaurida.
Cultivemos as palavras sinceras que singelamente hão-de florir.
Inventemos um devir!

Novo tempo

Quando finalmente vieres
sem que dês algum sinal da tua presença
entenderei bem tua chegada

Porque nesse instante eu sei
o tempo se quedará até que te pertença
e romperá distinta a madrugada
em que sem te ver te sentirei

E assim que a desejada calma prevaleça
hei-de inspirar bem fundo o novo dia
e deixar-me aos poucos renascer
até que a vida me aconteça

Lusus filius

Sejas bela ou sejas monstro
Tirana, ingénua ou lenda vã
Pelo imenso que já foste
 Que te admiro
Pelo muito que não és
 Que te sofro
Por tudo que me deste
 Que o sou
Por tanto que me negaste
 Que te sonhei
Pela palavra que há-de restar
 Que me liberta
Como negar que te pertenço!

Ciberindução: a info-utopia

Hoje lançamos o nosso
mais dilecto e puro ideal
em infalíveis algoritmos
ao internáutico caos digital

Hoje revelamos o nosso
mais caro e íntimo anseio
em códigos sofisticados
à difusa infoentropia global

Hoje entregamos o nosso
gesto mais nobre e genial
aos engenhos electrónicos
da mágica geometria fractal

Ah fosse já hoje o amanhã
que há-de recolher os nossos
mais dilectos e puros ideais
que há-de estimar os nossos
mais caros e íntimos anseios
que há-de dispor dos nossos
gestos mais nobres e geniais

Fosse já hoje esse amanhã
que há-de transmutar
o caos em desígnio geral
que há-de enfim erigir
a bonomia de empatizar
de agir de ânimo natural
de desfrutar sem possuir

Fosse já hoje esse amanhã
E dos meios não mais dispersos
Brotariam conexas as vontades
Plenas dos gáudios mais excelsos

Canção de despertar

Agora que o futuro começa
Abramos os braços ao dia
Invocando a luz autêntica,
Assobiando a tal melodia...

Evitemos essas paixões
Que só nos deram ira,
Pensemos simples razões
Sem tolerar a hipocrisia.

Agora, ora mesmo atiremos
A precisa pedra ao charco;
Acordemos toda a memória,
Pensemos a nossa história.

Naveguemos, oh sim, naveguemos!

Velejemos a genuína glória
Do longe para lá do agora.
Não mais a rota que tropeça,
Agora que o futuro começa.

Mistério preservado

As palavras usadas
Batem nas portadas
Irrefletidas e pesadas
Cumpram seus destinos
Abatem tristezas e alegrias
Assobiam nas esquinas
Entoam ufanos hinos
Embriagam-se de utopias
Visitam gênios e tolos
Caem no ridículo
Erguem-se com denodo

As palavras usadas
Rodopiam caprichosas
Seduzem falsos e probos
Traem donzelas e casadas
Requebram-se vaidosas
Nutrem mil contendas
Envolvem os escombros
Gritam coléricas ofensas
Discursam só de ouvido
Entontecem duvidosas
Perdem todo o sentido

As palavras usadas
Tecem histórias infinitas
Abraçam todo o tempo
Mentem descaradas
Ressoam nas vidraças
Rebolam-se nas areias
Adoram as desgraças
Atiram-se das varandas
Voam sobre as gentes
Sofrem suas mágoas
Afogam-se no mar

As palavras usadas
Escorrem das fachadas
Derretem-se lânguidas
Despem-se perdidas
Espreguiçam-se ao Sol
Dão-se em nudez total
Adormecem cansadas
E sonham felizes
Com silêncios sábios
Despertam animadas
E colhem um sorriso
Nos carnudos lábios
Do mistério preservado

Onde Wittgenstein emudece

Cem vezes vi a “Menina à janela”. A irmã de Dali posa de costas. Cem vezes a admirei, rechonchuda, sonhadora, na calma azul que se desprende da tela. Cem vezes vislumbrei a paisagem que a entretém, imaginando-a mediterrânea. Do inesperado realismo do quadro, cem vezes entrevi outro Dali. E um encantamento qualquer, intenso, inexplicável, me fascinou cem vezes. Na absoluta simplicidade da pintura, cem vezes procurei uma mensagem encoberta, um toque surreal.

No dia em que por acaso te mostrei a afamada obra logo vi que a desconhecias: não era concebível que fosse Dali, expressaste. Mas gostaste. Bastante, pelo longo silêncio que os teus olhos exigiram. Acompanhei-te e mais uma vez observei a imagem.

De repente, o vestido da menina tem o mesmo padrão do cortinado da janela! Sim, de facto assim é. Como foi possível nunca ter reparado antes que o tecido era idêntico?

Não sei se me apercebi do pormenor no mesmo instante que tu...

Acuidade subjectiva

Há dias assim
Caleidoscópicos
Mágicos
Lógicos
Transparentes

Causas e efeitos se revelam
Encadeamentos tão certos
Que se afiguram evidentes

Tão fluidos e hialinos
Se sucedem os pensamentos
E tão ágeis se afirmam
Como leves se desfazem

E fossemos pássaros
Não voariamos mais alto

Há dias assim

Lentamente

Transformamo-nos lentamente
Tão lentamente nos mudamos
Que só de repente notamos
Que fomos o que já não somos

Antigo e hodierno
Lento o tempo moldou
Transfigurando tudo

De súbito os dias, os anos são mais curtos. O Inverno
está mais frio. Agigantaram-se as árvores que restam no jardim. Encharcado de
automóveis, o bairro se fez, lentamente, exíguo, impossível...

E sobejou este presente
A acontecer turvo
Insistente a dissipar
O que fosse acreditar

Lentamente

Luz humana

Abre-se a manhã
Ao dia incerto
Que pairará sobre
A cidade frenética

De gestos automáticos
A turba de tropel insano
De lés a lés itera passos
Os rostos sorumbáticos

Na luz que desmaia
Na palidez geométrica
Nos vultos sombrios
É a tarde que cai

No fastio do ocaso
Os seres são lassos
As formas indistintas
Opacos os destinos
As consciências extintas

Todavia a noite é certa
E a luz é humana

Num ápice

Quando vagueou,
o olhar que percorreu todos os espaços,
o ruído tumultuoso
era negro,
e eram infames todas as crenças.

Quando se quedou,
o olhar que percorreu todos os símbolos,
o silêncio compenetrado
era branco,
e eram belas todas as verdades.

Depois adormeceu frouxo
e sonhou homens e vidas.
Quando acordou velho
era um animal semi-morto
sem ninguém para invocar.

Quando se vitrificou
o olhar que renunciara julgar todas as coisas,
a luz resplandecia,
estava cego,
e era um novo tempo que nascia.

Eminentemente

Naquele fugaz instante
Em que talvez tenhamos vivido
Simulámos todos um ente
Esquecemos quem fomos
Perdemos quem podíamos ser
E nunca mais o seremos
Todos o sabemos

Estereótipo

Não sei de que estratégia porventura saíste quando me encontraste distraído, caminhando na margem. Sei que te estranhei, talvez por outros enredos, mas depressa me fascinaste violentamente.

Pensei que eras tu a exaltação que há tanto tempo o meu remanso receava. Logo constatei que me entendias como um farrapo errante lançado à margem. Mas tanto me embeveci com os teus encantos que me transmutei para ser o ente que tu querias.

Converti-me então em alinhado, adquiri toda a informação, tornei-me conformado, exerci o embuste e a hipocrisia, alindei-me, pratiquei a perfídia, passei a andar endinheirado... Tudo o que implacavelmente me requereste eu consegui. Quando finalmente pensei que te podia seduzir, regressaste indiferente ao estereótipo de onde tinhas saído. Passaste a oferecer-te bela, distante e inacessível. Sem te importares, divertiste-te desde então a escancarar com des pudor a minha ridícula vaidade, o meu pretensioso arremedo. Lembro-me bem quanto a vergonha se fez rogada para me largar.

Hoje, aqui na margem aonde regressei, não há metáfora que me empolgue, não há ilusão que me demova. Tão-pouco estética modelar que me arroube. Depois que me retrataste, e a ti mesma te revelaste falsa e supérflua, abandonei esse jogo azarado. Agora sou feliz. De nada tenho posse. De nada sinto desejo. Tenho tudo o que preciso. Aqui na margem.

Bonifrate

Que destino
Que vontade
Que plano
Que acaso
Que deidade

Te acendeu os olhos
E iluminou o mundo?

Que segredo
Que fantasia
Que delírio
Que intento
Que energia

Te turvou a consciência
E sonogou a realidade?

Que veleidade
Que mando
Que capricho
Que crueldade
Que fascínio

Te insufiou o desejo
E mascarou o amor?

Que dinâmica
Que irreversibilidade
Que espaço
Que tempo
Que causalidade

Te dotou de fortuita memória
E lhe inculcou tantas lacunas?

Que volúpia
Que compulsão
Que morbidez
Que sujeição
Que desdita

Te concedeu a breve vida insólita
E te obrigará à inelutável extinção?

Estranha recorrência

Já não lembro de que sítio
de que história
ou em que dia
é que apareceste
O que sei é que cada ideia
cada lembrança
estão repletas de ti

E qualquer personagem
me parece
que és tu
E as frases que diz
usam as tuas palavras
interminavelmente

E em todas as paisagens
esvoaçam teus devaneios
e todas as imagens
sugerem o teu corpo
sem qualquer pejo

E de tal maneira assim é
que já não sei se sou
se durmo ou imagino
ou se porventura
me aprisionaste
no teu desvario
infindo

Mais que um rosto
(quatro quadras irregulares,
jactantes mas ternas)

te decifrei
em tudo que ninguém lê
no que escondes
sem já saberes porquê

no recôndito
que teu olhar não visita
onde tudo é dito
sem que tu o entendas

na parte mais interdita
que não podes penetrar
na tua essência intangível
todas as sendas percorri

te encontrei tão bonita
apenas calei
só porque gosto de ti
te decifrei

O jogo dos “onze lapsos”

Ao sabor do ignoto lapso
É num lapso que vivemos
E em lapsos nos sonhamos

Por mais que evitemos os lapsos
Dos lapsos não nos livramos

Bastam ínfimos lapsos apenas
Para cometer lapsos desmedidos

Muitos lapsos se tornam visíveis
Mais lapsos sobram escondidos

Apenas por lapsos somos nós
Em raros lapsos somos felizes

Ctrl Alt Del

Não contarás
madrugadas
cibernáuticas
de bits inquietos
povoadas
encontros secretos
só de palavras
troçadas
arrufos e afectos
Não contarás

Não contarás
redes telemáticas
telepáticas
recados
digitalizados
segredos
sussurrados
sonos perdidos
sonhos acordados
fotões vigilantes
enfim calados
Tudo como dantes
Não contarás

Não contarei
internáuticas
noites geladas
duelos e amuos
cliques agitados
escaldantes
dick-rates excitados
ansiedades
emaranhando
sites saturados
Tudo virtual
Não contarei

Não contarei
meiguices
pressentidas
links partilhados
nunca mais
desirmanados
ainda que errantes
para sempre guardados
na Rede caótica
Tudo como dantes
Não contarei

(cont./...

.../cont.)

Não contaremos
como a máquina
hodierna
se humanizou
terna
na sua entropia
colossal

Com inocência
digital
Sageza electrónica
singular
a tal subtileza
cósmica
que nos fez mutantes
Tudo como dantes
Não contaremos
Ctrl Alt Del

Estrela cadente

eras sorriso luz amanhecer
entardecias longe triste mar
choravas noite sonho solidão
sofrias insone vago amanhã

ardia eu madrugada infinita
inventando efêmero clarão

forjava teu brilho plena manhã
e mais um dia fulgias bonita

nem me sentias nem me sabias
era teu o dia veloz sorridente

para mim tão somente
a noite eterna incendiada
apenas pó fumo quase nada
e minguada luz da alvorada

Acasos intrínsecos

Cruzar-nos-emos nessas ruas apressadas e aturdidas. Nossos olhos se encontrarão por acaso, com indiferença urbana e curiosidade estética. Trocaremos até algumas palavras, poucas, de indiscriminada delicadeza automática, na multiplicidade dos estorvos por entre as turbas. Manteremos sempre a distância confortável de seres estranhamente reais, próximos nas afinidades, distanciados pela conveniente civilidade do contacto meteórico, desprezável, inexistente.

Encontrar-nos-emos na calma intimidade dos nossos refúgios, ao longo das noites de busca solitária, na conexão planetária digital. Nossos momentos se sobreporão por acaso, na profusão de presenças simultâneas dos incontáveis anéis internáuticos. Trocaremos palavras, ideias, gostos, vivências... atingindo a proximidade inquietante dos seres transcendentemente virtuais na caótica galáxia dos recursos temporâneos. Do intáctil encontro ficará a quimera de termos aberto um rasgo na solidão, talvez mesmo lançado uma ponte para a aventura passional.

Afastar-nos-emos gradual e ininterruptamente da inocência e simplicidade subjugados pela poderosa atracção animal que nos entregará ao imediato, frenético e pleno enlace, num instante tão memorável quão efêmero!

Progressivamente esqueceremos o espontâneo enlevo do encontro total e fortuito dos nossos mais íntimos sentidos.

Porventura seguiremos obedecendo ao instinto orgânico, na compulsão da espécie para prosseguir, apoiados pelos convenientes meios tecnológicos, assegurando a fugidia existência desta nossa incerta viagem solitária.

E o nosso tempo se esvairá sem complacência.

TecnoExaustão

Milhões de pixéis fervem nos olhos
Enquanto a ventoinha da motherboard
Ronca ronca ronca
Qual ruído atoador
No silêncio da madrugada

Os bits todos em unísono
Clamam pela visita que tarda
E que de novo há-de animar
As suas rotinas programadas
Gerando interacções infindas
Só de pura lógica animadas

Turbilhão de electrões agitados
Não se sabe já em que ruído
De que silêncio foram gerados
Nem até quem os escutou
Ou em que minuciosa aurora
Um enigmático designio
Para sempre os animou!...

Weblog

Hoje, agora, ter-te-ei só para mim!
Sim tu!
Tu que neste momento lês estes alinhavos.
Sim! Isto é contigo!
Apanhei-te no meu ardil.

(Neste momento já saberás que é mesmo contigo)

E tu, que ao ires lendo farás parte da história,
serás por um instante presa da minha teia,
que para isso a teci.
E terei o meu relâmpago de glória!

(nesta altura pensarás que, apesar de um pouco
extravagante, isto não deixa de fazer algum sentido)

Isto é contigo!
Sim, contigo! Continua...
Ao te enredares na minha trama
sentirás os fios invisíveis com que te envolvo,
que para isso os urdi.

(neste momento sentirás um misto de estranheza
e curiosidade que te leva a prosseguir)

Sim, isto é contigo! Apenas contigo.
Atenta no que te digo:
Tu, neste subtil encontro,
és o meu momento de partilha!
Não por orgulho, honraria ou rendimento,
mas porque não mais deixarás
de transportar um pouco de mim.

(aqui talvez penses que isto será presunção,
mas não vais com certeza interromper)

Não pela teia que seja minha pertença,
pelos fios que fabriquei, por pompa
ou leviandade que te ocorra imaginar. Não!
Menos ainda pelo desejo de te influenciar.
Porque tudo isso nada me interessa!

(cont./...

.../cont.)

(neste ponto já não sabes bem onde isto irá parar,
mas queres ler rápido o desfecho)

Sim, podes ter a certeza que isto é contigo!
De que foste um alvo afinal.
Porém, o que ainda te prende aqui
é puro logro simplesmente.
Uma expressão de falsidade que forjei
para supores que não estás só.
Que porventura não estamos sós!
E essa é enfim a grande ilusão...

(aqui sentirás um pouco de contradição,
mas é tudo tão simples ao fim e ao cabo)

É! Isto é contigo!
Tão-somente contigo.
Sossega... depressa te libertarei,
porque te vou dizer finalmente
a cristalina verdade: não há fios,
não há teia, não há nada. Nada!
E tu: nada és. Nem te conheço!...)
O que aqui encontras sou eu,
apenas eu. Eu que me teço,
eu que me prendo, eu que me desvendo...
Apenas eu e eu só. Nada mais.
Se tanto!

(aqui, para provares que existes,
deixas o teu comentário que improvavelmente lerei...)

Mefistofélico voyeur

Eu sou o que espreita as vossas fainas
Desvenda como traficais o corpo e a alma
Pela miserável fatia que vos há-de caber
Como estiolais a razão de inveja hedionda

E ouço no esconderijo da noite eterna
Os vossos brados mudos
Infelizes

Eu sou o que espreita os vossos prazeres
Acaricia os vossos corpos sedentos e febris
Amima todas as vossas obscenas egolatrias
Admira fascinado a vossa indecorosa vaidade

E na escuridão da noite obscura
Desvendo as vossas infames ambições
Soberbas

Eu sou o que espreita os vossos leitos
Penetra nos vossos mais sórdidos sonhos
Excita as vossas mais íntimas tumescências
Alimenta os vossos mais lúbricos desejos

E no silêncio da noite dissoluta
Ouço os vossos sussurros
Lascivos

Eu sou o que espreita os vossos enredos
Aplaudes as vossas mais grandiosas presunções
Escancaradas em patéticos simulacros
Exibindo-vos uns aos outros sem cessar

E na intrepidez da noite errante
Contemplo os vossos odientos esgares
Civilizados

Eu sou o que espreita os vossos afectos
Lê os vossos mais dissimulados segredos
Descobre o desprezível terror que vos habita
De que alguém pressinta o que engendrais

(cont./ ...)

.../cont.)

E na escura noite absoluta
Surpreendo as vossas reles actuações
Hipócritas

Eu sou o que espreita a vossa consciência
Na reveladora noite sublime

E pelo belo que já não sabeis
Por tanto horror
Pela inocência que ignorais
Por tanta perfídia
Pela simplicidade que arruinais
Por tanta impostura

Espumo de júbilo e encanto
E para que acordeis para mais labuta
Lanço um uivo desumano
A rasgar as trevas
A ecoar
A ecoar
A ecoar
A ecoar
A ecoar
A ecoar
...
A ecoar
...
...

Lengalenga dos outros de nós

Às vezes
Nos outros nada de nós
E nada em nós dos outros
Estranhamos
Tão longe estamos

Às vezes
Somos os outros e nós
E nós e os outros somos nós
Agrupamos
Tão perto estamos

Às vezes
Nem nós nem os outros
Nem somos nem acreditamos
Cismamos
Tão profundos estamos

Às vezes
Com os outros não somos nós
Ou sendo nós somos outros
Complicamos
Tão lúcidos estamos

Às vezes
Rodeados de tantos outros
Com tantos de nós em volta
Silenciamos
Tão sós estamos

Modinha da perdição

Se tudo aquilo que é
só o que há-de vir dirá o que foi
Se as paixões que tive um dia
só o presente me diz
o que era então que eu sentia

Para quê desejar perceber
a embriaguez de te adivinhar
e este doce pânico de te ter

Só quero viver o agora
sem entender nem cogitar
e entregar-me sem demora

E um dia se há-de pôr a nu
o amor tanto que tive
pela que pensei que eras tu

1bigo de 7 mega (10^6) pixéis
(Quadra ao gosto popular)

fosse todo o meu castigo
esse teu narciso ser
fosse o ser assim contigo
todo este meu viver

Reconhecimento volatilizado

Para além dessa inquieta
incerteza quântica
teu sorriso franco
meu sossego
adormeço
te sonho
enfim
feliz

Breve praia

E então as ondas
De impeto improvável
Desfizeram-se revoltas sobre a areia
Espraiando-se longamente

Alcançaram as concavas pegadas
Desfazendo os vestígios
Que teus pés desnudos deixaram
Na memória dessa tarde

O vaivém de todo o mar
Levou consigo os teus passos

Agora já nada de ti resta na praia
E na areia já não há marcas

Só a lembrança da praia
Só a murmúrio do mar

Anima II

Transportaremos desde sempre essa compulsiva auto-estima de sobrevivência que nos faz maus juizes e péssimos conhecedores das nossas vaidades, virtudes e de todas as atitudes outras.

De quando em quando, ainda que indesejada, uma qualquer melancolia nos sucede e a auto-estima adormece. É nessa obscuridade que sabemos mais claramente o irrisório "eu", os estranhos "outros" e a incongruência da "vida" que forjamos para vencer os dias.

Quando o ânimo nos redescobre soam então sem sentido os pensamentos ensombrados. Prosseguiremos então viagem sonhando egos convictos, imaginando vidas amplamente justificadas, ansiando futuros auspiciosos e sorridentes...

Assim tem de ser.

Que amor?

Que foi feito daquele beijo
Que então era inesquecível
E mudaria a vida inteira?

Que paisagens se quedaram
Desse olhar de espanto?

Onde se equilibra agora
Aquele corpo acrobático?

Onde pousarão aqueles lábios
Que tumefactos de desejo
Sorriam felizes só por viver?

Que foi feito daqueles dias
Em que te amaste?

Que lágrima te adormeceu?

Pausa

Esvai-se a noite
Onde tudo é possível.
No despertar da cidade
Já a facilidade se evola
E o dia se apressa indiferente.

E todos os esforços
Inglórios se repisam
E as esperanças se toldam.
Rugem os mandos
E as ideias se esfumam.

Há um pequeno hiato
Na pausa possível
Dos passos moídos
Em que a noite volta
E é então que o dia sorri.

Haiku

Da imaginação
Nasce hialino o irreal
Num belo clarão!

A Jorge Luís Borges

Quem sabe, haverá uma incongruência em tudo isto!
Ainda há pouco algum deus excêntrico nos colocou aqui
para que a decifrássemos.
E os vãos da memória que a todos nos instalou se revelarão
nítidos quando, desvendada, essa incongruência nos aparecer
evidente...
Quem sabe, essa incongruência somos nós!

Real

Cai o sono
Sobre o dia rápido
Trazendo esquecimento
E sonho

Partida para estranhos
Universos
Sempre velados

É certo
Que o dia trará
Seus resquícios
E sono e sonho
Viverão nos dédalos
Do que chamamos
Real

O Poliedro de Descartes

Por entre dúvidas e conjecturas
abordámos a pirâmide mais colossal.
Com desconhecimentos e estranhezas
escalámos o mágico hexaedro,
carregados de inúmeras incertezas,
de bastas esperanças e algum medo.
Subindo, subindo,
o pulso bem apressado,
acreditando em pretensas virtudes,
usando velhas e novas sabedorias
no nosso andar esforçado.
Empregando todas as energias,
insistindo, insistindo,
fomos sempre subindo
o conciso poliedro encantado.
Numa porfia sem fim, já magoados
pelos dias, pelos anos estafados,
pensámos: o sossego talvez exista
quando ao fim do cume chegados.
Não sabendo nada ao certo,
existindo, subindo.
Ao fim de tanto labor malogrado,
já sem fôlego e pouco ânimo,
fez-se nítida a finda intersecção
das seis arestas no topo almejado:
última, desbotada, inútil, vulgar,
malparecida, envolta em solidão.
Apenas um triste ponto no topo.
Que sortilégio nos fez aqui chegar!
Destroçados com tal decepção,
corroídos de cansaço e desalento,
a angústia foi dilatando sem parar.
Para nada... não há nada...
No cume não há nada!
De repente, após um unísono lamento,
um de nós eleva-se sozinho no ar
e, qual ser alado, desata então a voar.
E um após outro, descontraidamente,
numa plena vontade unânime,
todos nos lançámos no espaço.
E em círculos pairamos contentes,
por sobre a penosa pirâmide.
O que avistámos era um outro mundo.
E já não era o gigante a vencer,
já não era nem sequer a utopia:
era uma simples poliedro lá no fundo...

De consciências voláteis, deixámos o lugar.
Ao longe, envolto em nuvens macias,
impunha-se, magnético, robusto, irrecusável,
um belo heptaedro ainda por desvendar!

Mística forma

Busca ateadamente
A proporção divina.
Figura transcendente
Além do que imagina.

Em filigrana luzente,
A forma lhe aparece,
Essencial e urgente.

O tempo se revela
No espaço universal
E a imagem tão bela
Exibe o saber total.

...

Já finda a madrugada
Eis que a manhã de repente
Trai a forma encontrada.

Mostra-se agora banal,
Oca, absurda, inconsistente.
Não mais que nada afinal!

Crença

Habitará essa déspota para sempre
Na indelével cela da memória.
Inquietante, mágica, atraente
Certeza meramente ilusória.

Dissipou teses bem elaboradas
Com deslumbrantes e firmes leis raiosas.
As suas excelsas línguas veneradas
Despedaçaram lógicas teimosas.

Forjou inefáveis, gratas harmonias,
Baniu a dura norma duvidosa,
Tangeu as mais eternas melodias.

Vive, alojada em todo o instante,
Arrebatada, falsa, pegajosa,
No nosso pobre senso ignorante!

Caprichos do tempo

Há um singular eco dos nossos passos, estrondosamente irreal, na noite dessa praça deserta. Contudo, essa estranheza, existindo para além dos nossos pés, toma mais relevância que o som dos nossos próprios passos.

Quando paramos para reflectir, o silêncio apodera-se, eloquente, da praça deserta.

Daqui a algumas horas, poucas, todo o recinto se mostrará irreconhecível com a inevitável multidão que preencherá os espaços e tornará a praça verosímil.

Tempus incognitum

O tempo que se enrola e desenrola
Que gira e rodopia
Que voa
Que se mata e engana
Que passa e nunca mais passa
O tempo que não espera
E desespera

Ao fim e ao cabo é uma trapaça!

O tempo que se faz
Que bate e rebate
O tempo que não perdoa
E os presságios que traz
Que nos entretece e desenlaça
Que se conta
E desconta

Ao fim e ao cabo é uma trapaça!

E o tempo que não se tem
Que não começa nem acaba
Que tem lembranças
E que se marca e desmarca
O tempo em que tudo se passa
Que muito dura pouco
Que pouco dura muito

Ao fim e ao cabo é uma trapaça!

O tempo que demora
Que mete medo
Que há horas más
E uma espera sem tempo
O tempo que é o rei de uma farsa
Que nos mantém a todos cativos
E ninguém dele se escapa

Ao fim e ao cabo é uma trapaça!

O tempo que toca e repica
O tempo que roda
E é retrógrado
Mas nunca pára
Que indiferente nos ultrapassa
Que se perde
Que se busca

Ao fim e ao cabo é uma trapaça!

(cont./...

.../cont.)

O tempo que é veloz
Que é tão lento
E de que se corre atrás
Que é relativo
E com o espaço se entrelaça
O tempo que tem brumas
Que se sonha

Ao fim e ao cabo é uma trapaça!

O tempo que se precisa
Que tudo cura
Que ganha pó
Que pesa
E que a memória despedaça
Que é inodoro e incolor
Que não se apalpa

Ao fim e ao cabo é uma trapaça!

E o tempo que falta
Para o momento sem tempo
O tempo que é curvo
Persistente e obscuro
Que nos emaranha e embaraça
O tempo que se mede
Que encurta e dilata

Ao fim e ao cabo é uma trapaça!

O tempo que se soma
Que é mudança
Que foge
O tempo que é incólume
Que ataca e a tudo e todos dá caça
E que tudo devora
Até já não restar nada

Ao fim e ao cabo é uma trapaça!

O tempo que não existe
Que é abstracção
Que marca ritmos
Que traz saudade
Que todos acompanha e enlaça
Que é um ápice
E uma eternidade

(cont./...

.../cont.)

Ao fim ao cabo é uma trapaça!

O tempo que é o mais sábio
Que todos tememos
Que todos respeitamos
O tempo que é transparente
Que se comprime e se espaça
Que é mágico
Invisível e transcendente

Ao fim e ao cabo é uma trapaça!

O tempo... O indecifrável mistério
Que tudo conhece e tudo abraça!

Ao fim e ao cabo
É uma trapaça!...

Dia único
Certo amanhã

Cai a tarde no silêncio das ideias
Que viscosamente deslizam
Ao longo do tempo estático
Derramando-se sobre as mentes inquietas

Anoitece devagar na sinfonia do pensamento
Pouco a pouco vão-se revelando as estrelas
Que o universo insondavelmente engendrou

A noite majestática ilumina o devir
Nascido das ideias germinadas
Pela inteligência das mentes inquietas
Que se apaziguam cogitando nos arcanos

Já o esplendoroso astro se acordou
E o dia único e indeterminável
Se manifesta mais uma vez idêntico

Imperceptivelmente transporta já
Na sua persistente decorrência
No ritmo caótico das mentes inquietas
As sementes do eterno e certo amanhã

Axioma

procurei-te na alba na luz no célere dia
na penumbra no fugaz entardecer
procurei-te nas trevas na longa noite fria
na vigília e no sonho te procurei

esquadrinhei a vastidão febril
das vastas cidades enlouquecidas
e a penosa prostração senil
de aldeias tristes empobrecidas

do faustoso ao indigente eu inquiri
do velho céptico ao crédulo inocente
a tudo e a todos perguntei por ti

indaguei até ficar fraco e dormente
e quando exausto do meu fito me esqueci
foi então que surgiste resplendente

Instante

Neste fluido presente
Onde futuro e passado
Se diluem na mente

No breve instante
Já decerto sustentado
Por mais um antes

A circunstância engendrou
Um outro futuro
Que o passado não revelou

Passado, futuro e presente
Tudo ora e aqui, iminente

Este agora, este latejo
Tudo contém
Toda a palavra, todo o gesto

E qualquer resto
É além!

Para além deste *sempre-agora*

Um clarão qualquer
Onde este eterno presente
Se revelasse real

E aí saberíamos ao menos
Que existimos
Para além deste *sempre-agora*
De lógicas e memórias evanescentes
E outras virtudes do viver
Que tecem o nosso mundo
Com exacta medida
Ao sabor do caótico prodígio
Que ordena cada pulsar

Como se um raio do *sempre-agora* exclusivo
Iluminasse num lampejo o embuste

Rio antigo

Caminhemos ao longo deste rio sem nome como se ainda existíssemos juntos. O tempo, na sua inabalável senda, foi transformando as margens ancestrais que se tornaram quase irreconhecíveis. No entanto a água ainda brota naquele mesmo ponto, nas serranias sem nome, onde irrompemos, juntos, nessa manhã remota que jamais se apagará.

Sim, caminhemos ao longo deste rio já antigo. Ouçamos no seu murmúrio encantado os silêncios e alaridos que escutou, as intempéries e bonanças por que passou. Escutemos... Sim, em breve se derramará nesse imenso oceano sem nome onde um dia, juntos, fomos titãs.

Brota o imparável ímpeto dessa corrente lutando contra as margens sólidas, materiais. A massa líquida, rebelando-se, exprime toda a sua excelência. Fluindo, já apaziguada, virá ao encontro deste lugar perfeito e verdadeiro em que um dia, juntos, sonhámos o mundo.

Misturam-se os nossos passos, como se ainda caminhássemos juntos, ao longo deste rio antigo no entardecer tranquilo deste dia que a memória para sempre esculpirá.

Faz-se noite e o rio é o reflexo da infinidade de astros que dão a luz ao nosso caminho. Como se ainda estivéssemos juntos, sentimos simultaneamente um arpejo pela frescura que desceu sobre todo este imaginário.

A noite continua imperturbavelmente bela. O rio parece nem sequer deslizar. Lá no alto, reluzindo, como se ainda existissem, miríades de milênios nos escoltam! Serenamente, como se ainda estivéssemos juntos, sorrimos aos primeiros sinais de um novo amanhecer.

Tempo no presente

Um dia autêntico
perfeito

Passos ao longe
vejo já
um vulto

Enche a rua inteira
branca
na tarde
azul

A claridade que leva
ofusca
o tempo
que foge
assustado

Pergunto o passado
sumiu
procuro
o futuro
ninguém
jamais viu

Roça chanca no lajedo
escuto
o momento
que brota
pleno
grita
sou eu

Acordo sonho desfeito
nem lajedo
tarde
rua
ou tempo
nada
apenas
um vulto

era eu que... já não sou!

Uma cor

Na fantasia que difusamente espirala
Uma cor persistente se apodera
Dos invisíveis fios de uma teia

Bela e atraente
Uma cor

A teia ténue e pontilhada
Dilui-se a pouco e pouco na cor

...

Eis que uma imagem opaca e brilhante
Paira já dentro da noite

Depois a cor desfalece
E de repente a teia se estilhaça
Nos incontáveis detalhes
De uma ideia

Partida

Tuas mãos alvas repousam
Tranquilas sobre o regaço

Nos olhos o pensamento
Longínquo
Impossível
Taciturno

Teu corpo frágil
Sumido pelos anos
Conserva a nobre pose
Da vida cristalina
Que tristemente
Se despede

Teus gestos puros
Ficarão ondulando
Eternamente
Em volta de todos nós

Nostalgia

E depois
há esta nostalgia
para além dos dias
para além dos anos

A súpula de uma vida
Momento de contacto
tão inefável quão fugaz
com o todo do todo
Uma inaudita união
cujo momento e lugar
jamais se esquecem

Há esta nostalgia
para além dos anos
para além do tempo
Esta doce nostalgia
plena de nexos e afeições
Tudo a brotar no agora

Porta entreaberta
para uma improvável
consciência verdadeira

Um universo difuso
na solidão desejada
desta tarde a cair amena

Nesta existência distante expatriada
no silêncio enternecido
depois de uma despedida apressada

Eis senão quando
Se funda outro sentido

Dealbar

Há nestas alvoradas, já a mais de meio roladas, no vapor do Inverno que brevemente partirá, no som sincopado do dia a começar renitente, no corpo enxuto para o fato de arlequim, uma lembrança, um presságio, um aroma, uma ideia, uma intuição qualquer de que já fui, de que serei, de que nunca sou...

Já de todo liberto dos vestígios do sono breve, quando enfim aprontado para todos os palcos, um último relance no espelho da entrada devolve-me uma vaga imagem de arlequim, uma mancha, um esboço, uma ideia, uma intuição qualquer do que nunca fui, do que nunca serei e do que todavia sou...

Al-Buahar (Castelo do mar)

E no claro hoje ser
Nas voltas das ruas arábicas

O tempo a derreter

O passado quase ileso
Na pedra nua calçada ancestral

Liberto o passo fácil adeja

Por entre alvura tranquila da cal
Antevisto horizonte flameja

E o mar calmo e tão perto

Memória de fim de tarde

Os entardeceres
Que a meia-luz do entardecer traz
Tornam-se suave memória
De sucessos distantes

A irrealidade que paira
Afasta-se vertiginosamente
Do momento

As reminiscências evaporam
Para depois
Instantes depois
Se repetirem
Na certeza de uma lembrança

Se repetirem
Na emoção de uma pertença

Se repetirem
Sobressaindo no enleado fio da meada

Se repetirem
Numa última toada fatalmente banal

Impossível reprimir
Um sorriso final

Mass media

De um estrondo
 Se fala
Era ensurdecedor
 Se fala
Todos viram
Todos ouviram
 Todos falaram
Do grande estrondo-notícia

Um estrondo
 Se diz
Era um estrondo-notícia
 Todos souberam
 Todos falaram

Do estrondo que foi estrondo
 Ninguém ouviu
 Ninguém viu
 Ninguém falou

Parece até
Que nem soou

Antropoexcêntrico
(Oito quintetos doutrinários)

Resta-nos este apego
A certas ideias de tudo
Que sentimos vãs
Mas que quase iludem
A certeza do absurdo

Resta-nos esta distância
Das turbas desesperadas
Que sentimos próximas
E que de longe se mostram
Só na aparência irmanadas

Resta-nos este veredicto
Que sentimos final
De sabermos o homem
Um ser em absoluto
Insipiente e mortal

Resta-nos este enredo
Que sentimos irreal
De um destino ímpar
Jamais impoluto
Fatalmente original

Resta-nos esta energia
Que sentimos vital
E que sublime nos permite
Esta incoerência fugidia
Num hiato casual

Resta-nos este tempo
Que sentimos permanente
Insensível seguimento
Incessantemente erosivo
E porventura inexistente

Resta-nos esta memória
Que sentimos escapar
Continuamente entretecendo
Pretérita trama ilusória
Impossível de completar

Resta-nos enfim este lamento
Que sentimos universal
Por tanta e tamanha cegueira
Por tão insensata viagem
Possa ela ser ou não real

Bater de asas

Ainda há pouco o alvo esplendor de um pássaro
pousou sobre a elegância do teu jovem ombro nu
Os teus sonhos não quiseram que a sua rara beleza
se tornasse presente à inocência do teu olhar

Recordo o momento em que a ave estremeceu
e num surdo bater de asas se elevou no ar
Quando deixei de a ver o teu alvo cabelo voou
O teu decrépito corpo mirrado desfez-se em pó
E um vento silente de um só sopro o levou

Coragem!

Que lembrança deste dia restará,
Que incerta memória o guardará?

Que futuro deste dia necessita,
Como será então este passado?

Nem passado, nem futuro,
Agora, agora já!
Encontremos os gestos verdadeiros,
Inventemos as palavras necessárias

Neste dia único e distinto
Onde já o presente é imutável,
Em que já o futuro se renova!

Coragem!
Que a torrente é imparável.

Humana Clausura

Perceberás por certo
Um universo teu,
Um mundo exclusivo
Que te é permitido
Vislumbrar.

Mais além, onde talvez viva o real,
Não penetrarás jamais.

Entreverás dúvidas que ardem
Mais além dos mil sóis,
Pressentirás seres que viajam
Estranhos à tua sensibilidade
Singular.

Limitado à tua condição
Perceberás a sujeição do teu ser!

Porém, a plena consciência
Da tua limitação essencial
Te irmanará, assim mesmo,
Ao que nunca te será dado
Conhecer...

Certeza nenhuma

Certeza nenhuma
Nem sequer
Este momento
Que já partiu
Para o lugar
Dos infinitos momentos
Aparentemente esquecidos
Onde repousam

Bem vivos porém
Que o devir
Deles se socorre
Para vicejar o tempo
Que o presente interpõe
Para que soe a realidade
Uma ideia qualquer
Certamente inútil

Certeza nenhuma

Ideal

Não peço mais que uma serena madrugada
Em que te debruces sobre as ruas a sorrir
E amanheças transparente e suave
Num frémito de forte vontade iluminada
A acenar à equidade dos dias a porvir
E que o teu sorriso contagie toda a cidade
E o meu cansaço encontre enfim uma morada

Imponderável ente

Ficará esse eco interminável
De universo em universo
A clamar a abstracção
Que casualmente fomos

Ficará essa vaga incerteza
De primórdio em primórdio
A repercutir a estranheza
Que supostamente habitamos

Ficará esse estridente grito
De pensamento em pensamento
A bramir a desmedida ignorância
Que contra a vontade carregamos

Ficará essa eterna madrugada
Onde ressoarão nossos passos
Num sobrado inconsistente
De uma silenciosa morada

E do que ficar
Não ficará nada!